

ENTRELAÇANDO GÊNERO, RAÇA E SEXUALIDADE NA LITERATURA AFROFEMININA: Uma análise do conto Luamanda, de Conceição Evaristo

Tailane Sousa

Tailane de Jesus Sousa, PPGNEIM- UFBA, tailane.sousa@hotmail.com

Resumo

A comunicação destaca na produção de Conceição Evaristo como se dá o entrelaçamento de gênero, raça e sexualidade na escrita literária afro-brasileira, a partir da análise do conto “Luamanda”, presente no livro de contos **Olhos d’água** (2014). No que concerne a produção literária de Conceição Evaristo, a escrita é interpelada pela experiência de vida da autora, que recorre ao neologismo *escrevivência* para explicitar a indissociabilidade da sua existência enquanto mulher negra, pobre, nascida na periferia de Belo Horizonte, de sua escrita literária. Adotar a perspectiva da *escrevivência* é rasurar o *continuum* da tradição que projetou a figura da mulher negra como o não-sujeito, o corpo desprovido de intelecto e que, ao ser representada na literatura nacional, figurava como objeto destituído de humanidade, um animal movido apenas pelo instinto. O texto engendrado por Evaristo possui uma dimensão que perfaz a interconexão entre raça, gênero, classe social e sexualidade. Nos seus escritos, surgem mulheres distintas (diferentes recortes de geração, classe social, vivências, experiências, sexualidades, religiões...) que resistem e registram o apagamento histórico da população negra e que contra todas as expectativas sobrevivem. O conto em análise, “Luamanda”, revela o trabalho de ressignificação das representações construídas sobre as mulheres negras na literatura. A narrativa percorre, em tons de memória, os diferentes enlances amorosos da personagem vividos em suas quase cinco décadas de existência, destacando a sua conexão com a lua em momentos de gozo-prazer. Assim, por meio de uma escrita literária combativa, a autora discute a intersecção entre gênero, raça e sexualidade.

Palavras-chave: literatura afrobrasileira, interseccionalidade, sexualidades da mulher negra na literatura.

Tecer considerações sobre as representações das sexualidades das mulheres negras, quando inscritas no texto literário, suscita uma discussão sobre a circulação de determinados modelos de representação no imaginário de uma sociedade. Assim, uma produção literária realizada por mulheres negras e que condense na sua escrita um tensionamento das articulações de raça, gênero e sexualidade, evoca uma discussão sobre identidades das mulheres negras *na* e *da* diáspora.

Adotando uma perspectiva combativa, a produção literária afrobrasileira de autoria feminina, consciente da multiplicidade de vetores de opressão que atingem esses corpos, reflete sobre ressignificação da imagem construída sobre as mulheres negras, suas identidades, seus corpos e sua posição de [não] produtor de discursos. Além de tema de sua produção literária, o ser mulher e

negra no Brasil são elementos que fazem parte da sua identidade autoral. Escrevem, portanto, sob o ponto de vista de uma mulher negra.

INTRODUÇÃO

Refletir sobre os entrelaçamentos das identidades de mulheres negras no texto literário evoca, nesta fala, um debate sobre a minha própria inserção no contexto de produção acadêmica. Sendo assim, é imprescindível localizar o meu corpo negro nesta discussão, bem como situar os caminhos acessados por mim durante o percurso.

O contato com a produção literária de algumas escritoras negras ressoou na minha trajetória com um verdadeiro [re]encontro. Insurgentes, as letras pretas de escritoras como Miriam Alves, Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Geni Guimarães, Lívia Natália tensionaram minha experiência de mulher negra universitária e pude repensar o meu papel de [in]submissão no contexto da pós-graduação baiana.

Redefini, desse modo, o projeto encaminhado no Programa de Pós-Graduação que integro, o PPGNEIM, modificando completamente meu objeto de estudo. Assim, sem deixar de lado a literatura, uma grande paixão desde o período escolar, optei por analisar as obras da escritora negra Conceição Evaristo. Na leitura urgente dos livros da escritora, encontrei ferramentas para construir minha pesquisa e minha identidade política de mulher negra, moradora de uma região periférica de Salvador, estudante do mestrado na área de Estudos de Gênero.

No que tange à obra literária da autora, escrever sobre e a partir da perspectiva da mulher negra significa “trazer para a cena política as contradições da articulação das variáveis de raça, classe e gênero”(CARNEIRO, 2016, p.3). Mineira, nascida em Belo Horizonte, em 1946, Conceição Evaristo publicou seu primeiro poema na coletânea Cadernos Negros (1990), editado pelo grupo paulista Quilombhoje. Partindo da perspectiva da escrevivência, a autora transita entre temas que perpassam a situação da mulher e a negritude.

Em seus escritos, surgem mulheres distintas (diferentes recortes de geração, classe social, vivências, experiências, sexualidades, religiões...) que resistem e registram o apagamento histórico da população negra e que contra todas as expectativas sobrevivem. Essas personagens-mulheres vivem as mais diversas tensões: são mães, amantes, mulheres violentadas por seus parceiros, mulheres de *asé*, empregadas domésticas, rainhas ancestrais. Verdadeiras mulheres insubmissas que reagem às situações precárias, condições de exploração

de seus corpos e direitos, existindo de forma resiliente. Essas vozes-mulheres insurgem contra práticas racistas e sexistas nos seus contextos, expondo o caráter discriminatório de uma sociedade marcada por profundas desigualdades sociais.

A autora desloca a representação da mulher negra do contexto de objeto-corpo para a autorrepresentação enquanto sujeito-agente. Assim, põe em debate a invisibilização social desses sujeitos e a construção de imagens estereotipadas da sexualidade dessas mulheres – representações que entrecruzavam, para além da heterossexualidade normativa, um recorte geracional e de classe. Desse modo, o texto literário, antes, apresenta-se como um pano de fundo dessa discussão.

O conto analisado nesta comunicação, **Luamanda**, traz a protagonista-título experienciando relações afetivas com outros corpos, seu questionamento pulsante sobre as significações do amor e sua trajetória em cinco décadas de aprendizado intermitente sobre o seu estar no mundo. Acompanhamos a personagem num longo processo de reconhecimentos e redescobertas de si, percurso que revela uma discussão sobre a autorrepresentação da mulher negra e sua sexualidade na literatura.

DA REPRESENTAÇÃO HIPERSEXUALIZADA À AUTORREPRESENTAÇÃO: A ESCRITA DE MULHERES NEGRAS

Investigar as condições históricas responsáveis pela coisificação dos corpos negros e, em especial, do corpo da mulher negra, representa uma atitude fundamental para a compreensão das estruturas sociais que moldam as experiências coletivas dessas mulheres. Experiências, essas, transfiguradas em formas fixas e pejorativas. Analisar a estereotipização desses corpos no contexto da literatura, portanto, representa tensionar as estruturas sociais de reprodução da discriminação articulada de raça e gênero.

Configurado com um espaço profícuo da representação (e normatização) dos comportamentos de mulheres, o campo literário estabeleceu características adequadas e inadequadas para os diferentes grupos e suas respectivas funções no contexto social. Segundo destaca Sueli Carneiro (2002, p.170):

Se a historiografia pouco se deteve na história da construção do gênero, em especial na sua conjugação com raça, será na ficção que de maneira mais sistemática encarregar-se-á de estabelecer os atributos definidores do ser mulher e ser mulher negra em nossa sociedade

A literatura, portanto, fomentou no imaginário modelos idealizados de identidades femininas. No tocante às representações construídas de

mulheres negras e mestiças, por escritores e poetas brancos, houve a manutenção das imagens distorcidas dos seus corpos e comportamentos, bem como a reprodução de determinados estereótipos também no campo simbólico.

Se, por um lado, a literatura hegemônica criou o mito do bom-selvagem, de alma pura, para negligenciar o genocídio dos povos indígenas no Brasil, por outro lado desenhou a figura do negro sem alma, para justificar a expiação do seu lugar de sujeito. Assim, personagens como a mucama Lucinda, de **Vítimas Algozes** (1869); Bertoleza, de **O cortiço** (1890); e tia Anastácia, do **Sítio do Pica-pau Amarelo (Reinações de Narizinho, 1920)**, reiteram o discurso escravocrata sobre a mulher negra.

A posição cultural designada à mulher negra, nas sociedades que vivenciaram a escravidão moderna, correspondeu, no decorrer dos séculos, à posição marginalizada. Construída como um corpo negro homogêneo, a figura da mulher negra na literatura foi esteticamente destituída de singularidades e nuances, flutuando, frequentemente, entre as imagens da preta burra, da mãe negra e da mulata ferosa.

Elevada à imagem de um corpo sem mente (hooks, 1995), foi por meio de uma iconografia produzida pela cultura branca escravocrata que se construiu um perfil de mulher negra similar ao da natureza inabitável: assim como a natureza indômita, penetrar uma mulher negra simbolicamente representava invadir e domar uma instância de selvageria extrema. Diante disso, dominar o corpo da mulher negra constituía uma tarefa necessária ao homem branco.

Para legitimar a exploração masculina branca e o estupro das mulheres negras foi necessário a criação de narrativas sobre os corpos negros como justificativa (e incentivo) à apropriação violenta desses corpos. Assim, criou-se o mito da mulher negra exótica, sensual, provocativa (CARNEIRO, 2002), uma figura animalesca, bastante degradada, designada exclusivamente ao prazer sexual do homem branco: “Paulo Borges procurou e possuiu facilmente Esméria. O demônio da lascívia deu poder à crioula. Possesso da depravação, Paulo Borges, o senhor, amou fisicamente Esméria, a escrava.” (MACEDO, p. 56 – grifo nosso).

Assim, Esméria, personagem do romance abolicionista de Joaquim Manuel de Macedo, projeta essa figura: enquanto ser invejoso por excelência, usa da sua perspicácia para seduzir o senhor da casa, Paulo Borges, comprometendo-se a conspurcar o leito matrimonial e desonrar a família branca. Assim, a escrava torpe (por natureza diabólica da escravidão) mostra-se laboriosa com as funções do coser, do cuidado das crianças e da cozinha, para, em seguida, trair a bondade da sua senhora e seduzir o seu senhor. A escrava condensava no

seu comportamento a devassidão, a promiscuidade e a cobiça.

A partir da ótica branca, a mulher negra escravizada (ou proveniente de um processo de escravidão) representava um produto para consumo do homem branco:

A leitura de vários exemplos da textualidade brasileira, literária ou não, aponta para uma percepção do corpo da mulher negra como este objeto do prazer sem culpa para os homens brancos, do prazer primitivo, prazer livre das amarras da tradição judaico-cristã no qual a mulher negra figura apenas como objeto de consumo e de satisfação do homem. [...]Das índias às africanas e afrodescendentes, as mulheres no Brasil foram assim representadas e assim “consumidas” por uma tradição patriarcal, sexista e racista. (SOUZA, 2008, p. 105-106).

A tradição da literatura brasileira traçou personagens negras com uma sexualidade exacerbada e incontrolável. Desse modo, personagens com Esméria e a mulata Rita Baiana, do romance de Azevedo, personificam a luxúria inerente à mulher negra, característica exaltada para justificar o estupro colonial e que confere suporte à narrativa da miscigenação brasileira que, por sua via, legitimou (e ainda busca legitimar) o mito da democracia racial.

O produto desse discurso provocou seqüelas graves na autoestima de mulheres negras, criando uma noção desvalorizada do ser mulher e negra no imaginário social. Em decorrência da apreensão desse corpo como um objeto de uso sexual, a representação da negra, crioula, mulata, projetou na memória da cultura brasileira uma desconfiança da capacidade intelectual da mulher negra.

Rejeitando tal cenário, a escrita empreendida por autores e, principalmente, autoras negras atualiza as representações dos corpos negros na literatura, proferindo um discurso que confere estatuto de sujeito e não de objeto/corpo a essas mulheres. Portanto, é contra a reprodução desses estereótipos que elas e eles constroem seus objetos artísticos.

Passado Histórico

[Conceição, 1998, p. 118]

Do açoite

Da mulata erótica

Da negra boa de eito

E de cama

(nenhum registro)

O poema de Sônia Fátima da Conceição, **Passado Histórico**, ilustra bem o trabalho das escritoras negras em redimensionar as identidades das mulheres negras na literatura. Por meio da negação dos estereótipos fixados sobre o ser mulher negra, o eu-lírico reivindica uma nova representação desse sujeito, rejeitando o perfil veiculado no discurso hegemônicas. O artifício utilizado pela autora remonta às representações presentes no imaginário sobre a mulher afrobrasileira e projeta um discurso contestador.

A literatura feminina negra negocia outros construtos identitários e subverte signos até então compreendidos dentro de uma lógica da exploração sexual. Dialogando com a historiografia literária, revelam uma autoconsciência da poetisa/escritora que reivindica o seu lugar de enunciação na produção literária. Contudo, não se trata de exigir sua inserção no cânone, mas a necessidade de criar outros imaginários que comportem essas novas identidades.

Construir modelos positivos das identidades de mulheres negras na literatura, sem contudo silenciar suas experiências históricas, é a proposta de textos como os de Conceição Evaristo, por exemplo. Nessas obras, se discute a identidade racial negra, a história e a cultura dos povos negros, a memória colonial, a situação da diáspora, o racismo e a persistência das desigualdades sociais, bem com outros temas pertinentes à população negra brasileira.

Contrapondo uma literatura que perpetua uma representação hipersexualizada da mulher negra, o texto engendrado por Conceição Evaristo discute a autorrepresentação, destacando as opressões provenientes do entrecruzamento de diferentes identidades (raça, classe, gênero, sexualidade, geração). Por meio da perspectiva crítica fundamentada no feminismo negro, a produção de Conceição Evaristo discute a tomada do lugar de produtora de discursos sobre si e sua comunidade, ressaltando a importância de reunir essas falas, prioritariamente orais, em uma narrativa combativa.

GÊNERO E RAÇA NA OBRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Conceição Evaristo nasceu na capital mineira em 1946, numa favela localizada no alto da Avenida Afonso Pena, área que posteriormente foi desocupada pelo governo, acontecimento que marcou profundamente a autora. Após concluir o curso Normal, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde foi aprovada em concurso municipal para magistério, e depois ingressou no curso de Letras da Universidade Federal daquele Estado. Concluiu o mestrado em 1996, pela PUC- Rio e o doutorado em Literatura Comparada pela UFF.

Autora de poemas, contos e romances, a escritora é também pesquisadora acadêmica e sua produção versa principalmente, sobre Literatura negra e a escrita literária de mulheres negras. Sua forma de estar e vivenciar as experiências de vida subscreve a sua produção literária de tal modo que a autora recorre a um neologismo para expressar seu “estar-em-si” no mundo, *a escrevivência*.

A escrevivência, que circunscreve as vivências da população negra, constitui uma atitude política de resgatar uma identidade negra estilhaçada por um sistema racista de base colonial. Assim, produz uma escrita que destaca temas pertinentes à vida de homens e mulheres negras: o apagamento histórico desses sujeitos, a busca por uma memória ancestral, bem como da valorização dos traços culturais que subscrevem uma identidade coletiva negra, o racismo estrutural, a violência contra a mulher, assunção do corpo e do discurso da mulher negra... temas que abarcam o cotidiano da população negra e evidenciam a articulação dos vetores de raça, classe e gênero no modelar dessas vidas.

Conceição Evaristo traça um discurso que denuncia a condição de não-sujeito que as pessoas negras são colocadas na sociedade brasileira. Também na sua escrita, a autora evidencia os modos de resistências (e resiliências) dessas personagens, priorizando a construção de vozes-mulheres insubmissas. Propor essa problemática no texto, revela uma preocupação da escritora com a representação das mulheres negras desmistificando o imaginário brasileiro.

A autora desloca as representações calcadas na literatura canônica (objeto/corpo) para o lugar de sujeito e constrói discursos que revelam uma posição de agente diante do seu contexto: a mulher negra assume o discurso sobre seu corpo, suas afetividades, suas dores, suas identidades e busca uma identidade racial coletiva, por exemplo, para falar dos processos de violência que passam a comunidade negra. Desse modo, a materialidade da escrita da mulher negra é também eixo temático do fazer literário da autora.

Na escrita de Conceição Evaristo surgem personagens, narradoras, cenas, diversos elementos oferecem uma discussão sobre a articulação do racismo e do sexismo como instrumentos de normatização (e violação) das histórias e vivências das mulheres negras.

Olhos d'água, livro de 2014, reúne 17 contos publicados pela autora durante pouco mais de vinte anos nos Cadernos Negros. Apresentando os mais diferentes temas, os contos inseridos na publicação tensionam o racismo da sociedade brasileira e criando personagens como Maria, Ana Davenga, Duzu-Querança, mulheres atravessadas por experiências de violência de Gênero e Raça. É nesse livre que também se encontra o narrativa Luamanda.

Luamanda: entrelaçando raça, gênero e sexualidade

No conto “**Luamanda**”, presente no livro (EVARISTO, 2014), a escritora subverte as representações hegemônicas da sexualidade da mulher negra. Narrado em terceira pessoa e recorrendo ao discurso indireto livre, o conto apresenta, cheio de ternura, as trajetórias e amores da personagem-título, “Luamanda, Lua, guerreira, mulher”(EVARISTO, 2014, p.60). A protagonista é detentora dos direitos do seu corpo e o reconhece como objeto de prazer – do seu prazer, evidentemente – e de sua liberdade.

A narrativa transcreve, em tons de memória, os diferentes enlacs amorosos da personagem vividos em suas quase cinco décadas de existência, perfazendo a sua conexão com a lua em momentos de gozo-prazer. Personagem recorrente em diferentes mitologias, a lua é responsável pelo movimento das marés, interfere na agricultura, e nas crenças dos povos.

Era a lua mostrar-se redonda no céu, Luamanda na terra desminliguia todinha.[...] Levava a mão ao peito e sentia a pulsação da vida desenfreada, louca. Taquicardia. Tardio seria, ou mesmo haveria um tempo em que as necessidades do amor seriam todas saciadas? (EVARISTO, 2014, p. 60-61).

Em algumas lendas de origem africana, a lua representa o princípio do feminino, está vinculado a fertilidade e os poderes ocultos do feminino. Assim, a representação da lua no conto é carregada de simbolismos míticos atrelados a uma memória ancestral negra, tema fortemente presente na escrita de mulheres negras, e que revela, já de início, uma configuração diferente sobre essa mulher e a relação de cumplicidade que ela estabelece com esse corpo. A leitura do desejo do corpo-Luamanda (a “Lua” “manda”) segue as intempéries da lua:

O coração de Luamanda coçou e palpitou, embora a cara a lua nem estivesse escancarada no céu. Não fazia mal, a lua viria depois. E veio, várias vezes. Lua cúmplice de barrigas-lua de Luamanda. Vinha para demarcar o tempo da mulher e expulsar, em lágrimas amnióticas e sangue, os filhos: cinco. (EVARISTO, 2014, p. 61)

A relação estabelecida entre a protagonista e a lua dá o tom da narrativa: assim como a lua, a mulher desdobra-se em faces. E o seu corpo reflete um discurso de ancestralidade, recuperando o mitológico de perspectiva afrocentrada, tema recorrente na literatura de Conceição. O corpo-lua segue uma lógica diferente da perspectiva ocidental tanto de tempo quanto de compreensão dos desejos do corpo da mulher. As luas cúmplices dos seus gozos são também luas que marcam o início e o fim do período de gestação no

“buraco-céu aberto no seu corpo” (EVARISTO, 2014, p.61).

Enquanto uma tradição cristão-ocidental criou uma narrativa do pecado, o corpo em Luamanda representa a comunhão da personagem com o mundo a sua volta, e isso é desenhado com um olhar positivo. Recobrando os discursos hegemônicos construídos sobre os corpos das mulheres negras, observamos que a sexualidade dessas mulheres foi redimensionada para caber nos estereótipos racistas: seu corpo, enquanto produto para satisfação do outro, não representava um espaço de escolha. Enquanto as representações hegemônicas falam da mulher negra como objeto de prazer do homem branco, cheia de lascívia, o conto de Evaristo revela uma mulher sujeito do seu corpo.

Segundo Alves (2010, pp.70-71), em *Mulheres negras: vozes na literatura*, a palavra de ordem na escrita literária feminina afrobrasileira é que os seus corpos lhes “pertencem”. Corpos femininos negros “vitimizados”, que necessitam, antes de tudo, liberar-se do “confinamento do silêncio”, onde foram incluídos e excluídos pelas “amarras” ideológicas construídas pela dominação masculina. Corpos femininos negros que guardam desejos contidos e que ambicionam se “desvencilhar das marcas de sexualização e da racialização neles inscritas” sem se esquecer de outras necessidades. (SALES, 2011, p. 81)

Como sinalizado por Sales (2011), o corpo da mulher negra, na literatura afrofeminina, ganha uma textualidade poética que rompe com a imagem hipersexualidade destinada a esses sujeitos, traços vinculada a procedimentos racistas e sexistas imputados a mulheres negras.

O texto acompanha o percurso da personagem por suas histórias de amor, partilhadas com outros corpos e as possibilidades que esses encontros puderam proporcionar. Assim, a personagem descobre e se questiona sobre o amor em suas diferentes formas: entendido como prazer do sexo, mas também numa compreensão de afetividade: um eco ao final de cada ciclo amoroso da personagem, ela se pergunta: “O amor é terremoto? [...] O amor cabe em um corpo? [...] o amor é um tempo de paciência?” (EVARISTO, 2014, p. 60-62).

Assim, o corpo-afeto de Luamanda respira indagações não normativas ou simplistas, mas cobertas de significados outros: o que é o amor para ela. Observa-se o tema do amor sempre foi caro às mulheres negras, pois essas sempre foram não-sujeitos das relações afetivas. Retomando Sales (2011, p. 81): “Corpos femininos negros que falam de amor à vida e do amor ao outro, do erotismo, da identidade feminina, do sentir-se mulher negra e do sentido da própria existência em uma sociedade racista e sexista”.

No decorrer da narrativa, acompanhamos seus primeiros gozos, suas paixões, as barrigas-luas, sua maturidade, o ápice de seu encontro com um igual corpo:

Depois, tempos depois, Luamanda experimentava o amor em braços semelhantes aos seus. [...] E quando se sentiu coberta por pele, poros e pelos semelhantes aos seus, quando a sua igual dançou com leveza a dança-amor com ela, saudade alguma sentiu, vazio algum existiu, pois todas as fendas do seu corpo foram fundidas nas femininas oferendas da outra. (EVARISTO, p. 2014, p.61)

Luamanda, uma mulher autoconsciente do seu corpo e das belezas que ele podia proporcionar, debate o signo da sexualidade negra. Construída sob a representação exclusiva da heterossexualidade, a imagem da mulher, quando não era ignorada, era destituída de outras vivências sexuais. A personagem relata a tensão pelo medo da falta do falo, contudo, no envolvimento dos corpos, revela-se que nada falta. Esse discurso denuncia a perspectiva falocêntrica da sexualidade normativa, pois, a necessidade do falo é o que constitui nessas narrativas a atividade sexual. A narradora descontrola a representação fantasiosa do imaginário sobre as experiências sexuais entre mulheres.

A narrativa contrapõe um discurso que prega padrões fixos de sexualidade. Ela coloca em debate a uma norma da sexualidade (e afetividade) que impõe identidades fixas e que seriam determinadas por práticas sexuais. Assim, Luamanda, mulher, encontra gozos-luas em corpos distintos e iguais aos seus.

No decorrer do texto, outros corpos encontram o corpo-lua da protagonista, e as suas experiências revelaram a descoberta dos próprios prazeres: “Todos foram os amores da vida de Luamanda, que sempre chamava mais um”(EVARISTO, 2014, p. 62)

Mas não apenas de felicidades vive Luamanda. A protagonista é violada por um homem que não aceita o término do relacionamento e precisa cuidar do corpo e aprender, com paciência, aguardar o tempo da cura: “Foi um tempo em que precisou exercitar a paciência com o seu próprio corpo. Trancada em si, ou melhor, aberta para si mesmo, com as mãos espalmadas e leves imaginava lenitivos carinhos”(EVARISTO, p.63)

Evocando um diálogo com as representações da tradição hegemônica, a autora provoca uma discussão sobre os sentidos afixados historicamente à sexualidade da mulher negra e põe em debate a literatura negra/afrobrasileira como espaço de subversão e resistência. Entende-se que, ao deixar florescer uma iconografia negra, autores e autoras negras constroem novos modelos representativos e o [re]conhecimento das identidades negras.

Por meio da análise do conto, é possível observar como a dinâmica entre raça, gênero e sexualidade podem transcorrer na escrita de mulheres negras com o intuito de subverter uma tradição literária

hegemônica e produzir novos símbolos de representação desses e para esses sujeitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação propôs uma breve reflexão sobre a escrita da autora mineira Conceição Evaristo, ponderando sobre os entrecruzamentos de raça, gênero e sexualidade que ela propõe na sua obra. Para isso, analisou-se o conto “Luamanda”, presente no livro *Olhos d’água*, buscando sinalizar os artifícios usados na construção da sexualidade da protagonista.

À vista das representações vinculadas sobre a mulher negra na historiografia literária, observa-se que o trabalho empenhado pela escritora estiliza com a imagem concebida dessa mulher, uma figura hipersexualizada, dentro dos liames da heteronormatividade, e que tem como laço geracional a juventude. A personagem-título vivencia diferentes experiências sexuais ao longo de sua trajetória e isso configura uma ruptura com os padrões preestabelecidos para essa mulher. Assim, o diálogo proposto com as narrativas hegemônicas revela uma subversão desse mesmo discurso.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. [1890]. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=173. Acesso em: 09 dez. 2016
- CONCEIÇÃO, Sônia Fátima. Passado Histórico in: *Cadernos Negros – os melhores poemas*. São Paulo: Quilombohoje, 1998.
- EVARISTO, Conceição. *Gênero e etnia: uma escre (vivência) de dupla face*. In: MOREIRA, Nadilza de Barros; SCHNEIDER, Liane. (Orgs.) *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Idéia, 2005
- EVARISTO, Conceição; et al. . *Cadernos Negros 13 (poemas)*. São Paulo: Edição dos autores, 1990.
- EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Belo Horizonte: Mazza, 2003.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Olhos d’água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- EVARISTO, Conceição. *Insubmissas Lágrimas de Mulheres*. Rio de Janeiro: Male, 2016.
- GONZÁLES, Lélia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. *Ciências Sociais Hoje*. ANPOCS: 1984.
- GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*[1876]. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000057.pdf>. Acesso em: 09 dez. 2016.
- HOOKS, Bell. Intelectuais Negras. *Revista Estudos Feministas/Dossiê Mulheres Negras*., Rio de Janeiro, v.3, n.2, .1995.

MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo. *Vítimas Algozes*. Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em:

http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=2134.

Acesso em: 09 dez. 2016

SALLES, Cristian Souza de. *Composições e recomposições: o corpo feminino negro na poesia de Mirian Alves*. 2011. 125f. Dissertação de mestrado- Universidade Estadual da Bahia, Salvador, 2011.

SOUZA, Florentina. Raça e gênero na literatura brasileira. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*. Brasília, p.103-112. 2008.